



Renato N. Pereira

Cidadão

Hospitalizado

Portugal apresentava há muito sintomas de doença. Os governos recusaram diversos diagnósticos, ora negando o estado clínico, ora fazendo de conta que seguiam a terapêutica prescrita (foco nos bens transaccionáveis e nas condições de competitividade internacional num mundo globalizado). Com a alteração das condições ambientais (crise financeira internacional), os sinais de doença crónica (estagnação económica e endividamento) declararam-se através de uma doença aguda (falta de liquidez, i.e., perigo de não haver dinheiro para pagar salários dos funcionários, crescimento ainda maior das dívidas a fornecedores, etc.)

Portugal deu entrada no hospital da UE, pelo serviço de

urgência do FMI e com transferência imediata para a unidade de cuidados intensivos do BCE. Em vez de uma terapêutica administrada em ambulatório (por nossa conta), adequada à doença crónica (administrada durante mais tempo) e com custos suportáveis, tivemos de recorrer a serviços muito diferenciados e caros, com efeitos secundários e passíveis de sequelas. O diagnóstico é consensual. Mas existem várias abordagens terapêuticas. Portugal escolheu o hospital da UE/FMI/BCE. Os eleitores foram consultados por diversos especialistas. Dos cinco principais, dois deles prescreveram a terapêutica que o doente escolheu (PSD e CDS), um terceiro, embora hesitante, também a prescreveu (PS) e dois outros

especialistas (PCP e BE) apresentaram terapêuticas alternativas mas que o doente não consentiu (esclarecidamente?).

Portugal está hospitalizado. O prognóstico é reservado. O hospital está com grande afluência. A Grécia está também nos cuidados intensivos e os médicos já consultam a família (Merkel e Sarkozy) para saberem se devem desligar a "máquina" e registar o óbito. A Irlanda já foi para as enfermarias de internamento e espera-se alta para breve, para continuar os tratamentos em hospital de dia. Alguns especialistas já aconselharam a Espanha, a Itália e outros mais a marcarem consulta, antes que agudizem e tenham de dar entrada nas urgências.

Entretanto, os directores

do hospital (Merkel, Sarkozy - que família! - e outros com menor peso), não se entendem sobre a facturação dos cuidados. Querem que sejam os doentes a pagá-los. E perante a morte iminente da Grécia, Merkel e outros têm tentado que Atenas abandone o hospital, para não lhes morrer nas mãos. É que esta unidade, não tem morgue, nem cuidados paliativos. Todos assumiram que o sistema de saúde do euro conseguiria sempre que os doentes tivessem alta, melhorados, para o domicílio. Merkel hesita, dado que a vizinha Grécia, ao morrer em casa, será um cadáver incómodo mesmo ao lado - não há nada mais inútil e caro do que preservar um cadáver!

Existem uns quantos que querem discutir o financia-

mento do sistema de saúde, advogando a criação de um SNS: cada utente (estado membro) deve pagar mais impostos (para o orçamento comunitário) que assegure tratamentos a todos (através de um tesouro e finanças europeias). Contudo, os utentes que cuidam melhor da sua alimentação (remunerações, impostos, etc.) e praticam exercício (produtividade, produção e emprego), não querem pagar para um sistema que descuida dos cuidados primários (políticas que promovem uma vida saudável e sóbria - despesas alinhadas com as receitas) e tem depois de gastar muito mais em cuidados para situações agudas (medidas cegas para corrigir desequilíbrios económicos que se detectam facilmente e há muito tempo).

Folha de rosto com dados de edição:

1 Euro | Diretor: Helder Nunes | Quinta-feira, 29 de setembro de 2011 | Ano XXXVII | Número 1777 www.barlavento.pt



ISMAT organiza jornadas da psicologia do desporto e do exercício | 11

Com o Mestre Mário Silva é relativamente fácil ter conversas ||

SEMANÁRIO REGIONAL DO ALGARVE

barlavento